

Era uma vez um caramujo que vivia feliz em cima duma panela de água a ferver. Quando apagavam o lume passava a sofrer de insónias

Era uma vez uma escada mole. Todos gostavam de subir por ela porque não cansava nada. Quando apareceu esse modelo no mercado foi um sucesso estrondoso porque toda a gente quis comprar para ter em casa. Só muito mais tarde as gerações seguintes compreenderam a repulsiva maldade da escada mole. Então conceberam e executaram a escada elástica que não só não cansava nada como devolvia os que subiam instantaneamente ao nível da partida. Enquanto da escada mole ninguém conseguia descer a não ser caindo.

Era uma vez um mono-asa. Como era mono-asa só podia voar numa direcção. Mas a generosa natureza tinha tomado as suas providências e assim ao mono-asa não importava nada saber para onde ia ou donde vinha. Por isso a sua asa tinha o aspecto duma barbatana e a maior parte das vezes servia-lhe de leque.

Era uma vez uma criatura que de cada vez que falava as palavras não desapareciam. Caminhavam mesmo à sua frente ou então ficavam ali e não desapareciam. Quando ela voltava a casa as palavras estavam lá. À porta de casa das outras criaturas todos os dias de manhã as palavras usadas enchiam os caixotes até cima e algumas caíam mesmo para o chão mas em casa daquela criatura as palavras não morriam. Enchiam toda a casa e até o ar tinha palavras inteiras. Então um dia a criatura compreendeu que a sinceridade é que é fácil e quando alguém diz que gostaria de se retirar para dentro duma laranja para dormir na verdade um bago de uva seria suficiente.

Era uma vez uma ocasião em que todos estavam à espera. Sentados à porta de casa passavam às vezes pelas portas olhando de dentro ou para dentro debatendo-se na impossibilidade de saber se a porta dava realmente acesso ou o impedia. Essas criaturas chamavam-se Antes e viviam no delírio do aparecimento.

Era uma vez uma ilha de manteiga. Aproximando-se da praia o mar era extremamente frio. Os viajantes desciam à ilha da manteiga e começavam a subir pelas suas escarpas. Escorregavam um pouco. Penetravam na ilha por galerias elegantemente escavadas por espátulas com estrias. Os viajantes podiam passar um delicado dedo pelas paredes e apreciar o seu sabor temperado. Penetrando mais na ilha os visitantes chegavam por fim a uma câmara obscuramente tingida donde não partia nenhum corredor. Observava-se então que a retirada era impossível.

Era uma vez um gato preto com uns olhos tão verdes que quando passeava pelo bosque dir-se-ia que era uma sombra em que se tinham aberto dois buracos para se poder ver a verdura do verde.

Era uma vez um país de coveiros. Apertados uns contra os outros abriam as respectivas covas dos inimigos, correspondendo fielmente à sua mútua inimizade. As pás subiam e desciam brilhantes, aéreas, rítmicas, e a terra era atirada de uma cova para outra, numa chuvada feericamente pesada. Nesse país todos estavam enlouquecidos pelo desejo de retribuir a retribuição. Tinham muito sangue português.